CAPISTRANO DE ABREU

Ha homens cuja obra excede de seu autor. Machado de Assis, por exemplo. O criador desapparece deante da criação. Fica em segundo plano, atraz da cortina. E quando falamos de sua vida é a sua obra que nos interessa. E' na sua obra que buscamos exemplos para explicar a sua vida. São estrellas que se apagam para brilhar.

Outros, ao contrario, transbordam de si mesmos. Mais interessantes no que são do que no que fazem, não conseguem nunca realizar-se, ficando sempre superiores ao que dão de si. E os seus intimos são o unico publico que os comprehende, pois o grande publico, para quem só as obras são visiveis, e não os autores, desconfia com razão dos genios desconhecidos. São os bohemios, os dispersivos, os apaixonados, que dão ás criaturas de carne e osso o que os cerebraes dão ás suas personagens ou ás suas idéas. São os Paula Neys, os Arthur de Oliveira, os Affonso Arinos, os Pedro Kilkerrys. Só quem os conheceu pode apreeia-los bem, de modo que morrem para a historia, e mal chegam a nascer para o publico. Ou quando attingem á grande popularidade é sempre com um travôr secreto, ao se verem louvados pelo que no fundo desprezam e ignorados no que julgam ter de melhor. Conta-se que Jaurès e A. France,

ambos demagogos de idéas mas profundamente requintados de cultura, compareceram juntos a uma reunião politica. E ao receber Jaurès uma ovação do publico disse France, que incensava o povo, mas não amava a popularidade, meio ironico: — «Ça c'est la popularité, Monsieur Jaurès». Na saída, depois da reunião, ouvem ao passar na rua, um transeunte qualquer murmurar: — «Tiens, voilà Anatole». E Jaurès, que sabia o horror que o velho sybarita tinha dessas intimidades com que, no Brasil, até hoje o gratificam, aproveitou-se logo para se vingar «Ça c'est la gloire, Monsieur France»...

Mas existe ainda a terceira categoria. A daquelles cuja obra é tão original quanto a vida. E ambas se completam, como indispensaveis uma á outra. Foi entre nós o caso de Capistrano de Abreu, por exemplo. Eu sou dos que não podem falar delle, pois nunca o conheci pessoalmente. E elle é desses cujos intimos dizem que não podemos conhecer sem tê-los conhecido... Desses de quem se fala sempre invocando uma anecdota, um dito de espirito, um epigramma vingador. E cuja obra escripta não completa a figura, não explica tudo o que foram, nem a metade do que foram.

Mas, pelo que se sabe e se ouve, havia em Capistrano de Abreu uma coexistencia de caracteristicas contradictorias, que não surprehende de certo a quem sabe que o ser humano é a propria contradicção em carne e osso, mas que nelle attingia a um contraste realmente excepcional. Pois havia nelle o mais despreconcebido dos historiadores e o mais preconcebido dos homens. Dizem que a sua correspondencia com Lucio de Azevedo, archivo preciosissimo que o grande historiador portuguez doou ao Brasil, é tão pessoal, tão sarcastica, tão arrebatada no julgamento de nossos contemporaneos e dos nossos acontecimentos, que as autoridades prohibiram a sua consulta, como se

fez com o «Jornal» dos Goncourt, ou a correspondencia de Zola, em França. Não poupava os inimigos, nem se poupava aos amigos. Era homem de sympathias fulminantes e nunca arrefecidas, mas tambem fiel como poucos ás suas inimizades. Quente ou frio, nunca tepido em seus sentimentos, —como o proprio Senhor pede aos homens que sejam, no texto do Apocalypse.

Sendo, portanto, o mais pessoal dos homens, foi o mais impessoal dos historiadores. O mais realista de todos os nossos historiadores. Aquelle que possuiu como nenhum outro o faro do facto, o senso incomparavel do concreto. E nas suas investigações, desconhecia sympathias ou antipathias, evitava todo e qualquer julgamento de valor, procurava sempre moldar-se ao objecto, á realidade em suas fontes mais vivas e authenticas.

E essa coexistencia de dois caracteres apparentemente tão exclusivos um do outro pode ser apontada a cada passo. Eu mesmo, ouvi ha annos de um de seus amigos, a proposito da propria obra com que a Sociedade Capistrano de Abreu inicia hoje a sua tarefa publica, uma anecdota authentica que vale repetir.

> J. Capistrano de Abreu—Capitulos de Historia Colonial (1500-1800). Ed. da Socied. Cap. de Abreu. Rio, 1928.

Em 1906, antes de entregar os originaes dessa obra, mostrou-os Capistrano a um amigo pedindo-lhe que désse a sua impressão e indicasse o que lhe parecia a originalidade do trabalho, O amigo leu e relatou o que mais lhe agradara. Mas Caspistrano, de máo humor, lhe respondeu:— «Vejo que perdi todo o meu latim. Se você não viu o que eu quiz fazer, que fará o publico? Pois a unica coisa que eu tive mesmo em vista foi o se-

guinte: mostrar que se pode escrever toda a historia colonial do Brasil sem mencionar siquer o nome de Tiradentes»!

Esse caso me foi contado pela propria pessoa com quem se passou e tenho todas as razões para julga-lo authentico. Inclusive a leitura da obra que, abrangendo como se vê, o periodo de 1500 a 1800, não toca siquer na conjuração mineira nem no nome de Tiradentes.

Essa historia me parece explicar muito suggestivamente o que foi essa figura tão estranha, tão cheia de contrastes, que respondendo aos que o convidavam para apresentar-se candidato á Academia de Letras, onde teria eleição unanime, dizia:--«A unica sociedade de que faço parte é o genero humano, e dessa mesmo porque não posso sair...» —e era ao mesmo tempo capaz de todos os sacrificios pela sua academia de intimos!

A phrase relativa a este livro não é uma simples «boutade». Está em hormonia com tudo o que os amigos delle contam a seu respeito. Mas a mim nunca deixa de causar espanto esse seu feitio, que conseguia ser original mesmo naquillo que é a banalidade de todos nós, criaturas imperfeitas e decaídas—a contradicção. Mesmo nisso elle era singular, não escondendo a sua antipathia pessoal pelo Tiradentes, como não escondia as suas inimizades com este ou aquelle contemporaneo, victima de suas farpas mais aceradas. E sendo, ao mesmo tempo, o mais impessoal dos historiographos.

O que ha é o seguinte. Em primeiro logar, a sua familiaridade com a historia e com o passado era tão grande, como era em Balsac, por exemplo, a familiaridade com as suas personagens, muito mais «reaes» para elle do que as sombras de carne e osso que se agitavam em torno delle. Capistrano tratava as figuras da historia como as da vida e

mesmo commettendo uma injustiça accentuava o caracter caricatural do juizo, o que tirava muito da sua gravidade. Pode parecer uma subtileza de hypocritica se eu disser que a deformação dos traços de uma figura historica pode ser o melhor meio de conforma-la. Mas não é, e a technica do cinema moderno, por exemplo, está mostrando isso pelos olhos a dentro daquelles que só sabem comprehender pelos olhos.

Além disso, a eliminação da Inconfidencia nesse volume, que é afinal a synthese mais perfeita que se tem escripto sobre a nossa historia colonial, foi uma fórma de reacção contra o lyrismo historico, contra a historia idealogica e apologetica e mesmo contra a historia nacionalista.

Capistrano de Abreu foi o criador, aqui entre nós, do que se pode chamar a historia radicular, isto é, aquella que procura as folhas nas raizes e não as raizes nas folhas... Elle foi o iniciador da nossa embryogenia historica, para falar como se falava no tempo em que elle surgiu na Padaria Espiritual do Ceará, logo depois de finda a Guerra do Paraguay e quando o romantismo descia de scena para dar logar ao naturalismo. Penso que é preciso remontar até esses annos remotos, por volta de 1872, para comprehender bem o papel que Capistrano de Abreu representou em nossa historiographia. Houve então, em todas as fórmas da intelligencia nacional uma especie de adoração ao objecto. Os cinco annos de guerra, a approximação forçada das provincias umas das outras, o contagio com os alliados platinos, a importação de idéas européas, a diffusão de idéas republicanas, o culto nascente pela sciencia que se apregoava successora da religião, o exemplo da revolução industrial européa e norte-americana, que Mauá e outros começavam a introduzir entre nós, tudo isso concorria para dar aos homens a impressão de que despertavam de uma longa letargia e que

só agora começava a crysalida a ter consciencia de si mesma.

Havia nesse espirito novo um acto certo e um acto em falso, pois a reacção necessaria contra o excesso de fantasia degenerou em recepção contra a propria espiritualidade, desequilibrando de novo a balança.

Foi levado por esse espirito de objectividade, de que se entranhou a sua adolescencia, que Capistrano de Abreu começou a dedicar-se a estudos de nossa historia, sem jamais abandonar, entretanto, uma grande preoccupação de cultura geral que sempre possuiu e graças a qual poude ter a paixão dos pormenores sem se converter em simples colleccionador de minucias.

Nunca, aliás, se entregou á obra de synthese geral que seria o complemento necessario de todo o seu longo esforço analytico ou parcialmente synthetico. Nunca teve um trabalho regular e continuado, obedecendo a um plano completo de distribuição de materias. Nunca foi historiador de conjunto, pintor de batalhas, reconstituidor de vida. Praticou sempre a historia critica, a historia por amor á verdade e não por gosto artistico ou paixão de romancista da realidade. A busca do documento authentico foi sempre a sua paixão. Viveu sempre seguindo os veios de autor em autor até dar com as fontes primitivas. E dahi o interesse muito menor que teve pela nossa historia independente. Foi, como disse, um embryogenista. O que lhe interessou, acima de tudo, foi a nossa formação, o mysterio da nossa elaboração. E dahi o interesse que teve pelos indigenas e pela sua linguistica. O amor pelos chronistas e a reedição de alguns delles a que se entregou. A preoccupação de pesquisar dados originaes e identificar attribuições du-

vidosas ou informantes velados, como o precioso Antonil.

Tudo isso disperso, ao sabor das pesquisas, em buscas continuas pelos archivos, sem um plano de conjunto, sem um objectivo certo. Dahi a necessidade e a benemerencia da obra que a Sociedade Capistrano de Abreu está começando a emprehender. Ao mestre faltou em vida um bom secretario; veiu a ter agora um secretario posthumo. Pois Capistrano era desses autores de que todo o mundo falava e que ninguem lia. E ninguem lia porque nada mais difficil do que obter os seus trabalhos. Tudo esparso em jornaes, annaes ou revistas. Tudo esgotado ou em edições limitadas. Ou em notas a obras alheias. Dispersivo como sempre foi, misanthropo, sem nenhuma seducção pela publicidade, dedicado a trabalhos de erudição que, por sua natureza, não têm nunca data fixa, pois tanto podem durar um dia com pleno exito como uma vida inteira em vão,--nunca teve tempo de fazer o trabalho desses vaqueiros de que falou com tanto interesse: reunir o gado, apartar as rezes, marcar, contar, distribuir. E' justamente o que se está começando a fazer agora. E a reedição destes «Capitulos de Historia Colonial» ha tanto tempo exgotados, era dessas que se impunham logo á primeira vista. Pois nesses 22 annos, desde a sua publicação, em nada envelheceram, nem podem envelhecer, pois são a fonte mais rica e mais segura que ainda temos de consulta para o estudo de nossa formação nacional.

Capistrano, portanto, representou em nossa historiographia uma orientação inteiramente original. Pois abandonando toda generalidade, toda synthese precipitada, toda especulação vaga, como era tanto de agrado nosso, foi deliberadamente ás raizes e fez-nos assistir assim, passo a passo,

ao mysterio de nossa formação primitiva. E esse contacto constante com a realidade, despido de todo preconceito, de todo julgamento previo de valor, de todo plano que prejudicasse a submissão ao objecto, é que torna o seu esforço benemerito e precioso. E isso é que explica, como disse, uma omissão que é uma injustiça historica evidente, mas que em nada prejudicava o seu methodo e ajudava de muito a sua intenção. Quero referir-me, como já disse, ao silencio total sobre a conjuração Mineira. Elle quiz mostrar que realmente o que importava não era o «desejo» de ser independente, e sim os «motivos» de ser, as forças internas de emancipação, o que ia tornando pouco a pouco a Independencia um fruto maduro de nossa evolução.

Não duvido que tenha forçado um pouco a nota e que. reagindo contra o excesso de lyrismo, dos que só vêem em nossa historia os movimentos dispersivos de liberdade, tenha se deixado influenciar um pouco demais pelo evolucionismo reinante no espirito de sua geração, e que via na historia apenas um determinismo inflexivel e cego.

Não chegou, entretanto, a ser um defeito essa preferencia que sempre deu aos factos sobre os homens. Preferencia, aliás, muito bem medida e que não o impediu, por exemplo, de prestar á acção dos Jesuitas a mais extraordinaria das homenagens, na penna de quem sempre foi tão sobrio de louvores, quando escreveu o seguinte:— «Uma historia dos Jesuitas é obra urgente, emquanto não a possuir-mos será presumpçoso quem quizer escrever a do Brasil». Talvez por essas e outras é que nunca se decidiu a escrever a grande Historia do Brasil, que todos esperavam que elle nos désse. Não podendo fazer coisa completa, a seu geito, preferiu pesquisar, desbastar, revelar e explicar o maior numero de «fontes» possivel para que o futuro possa vir a fazer o que elle julgava

ainda prematuro—«no actual estado dos nossos conhecimentos».

Nesses «capitulos de historia colonial» atravessamos a superficie da historia, passamos além dos acontecimentos salientes, das datas e dos nomes, e vamos tocar na vida anonyma, na historia quotidiana, na propria elaboração do «corpo» da nação.

Costumam os historiadores, por exemplo, levados pelo lyrismo ou pelo nacionalismo habituaes, dar grande importancia ás revoltas como a de Felippe dos Santos em Minas. A elle não impressionam nada esses gestos heroicos e dispersivos. E liquida o movimento em poucas linhas.— Depois da guerra dos emboabas, houve ainda desordens em Minas Geraes, uma dellas em 1720, suffocada energicamente; não mais as inspirou o espirito de nativismo, isto é, a queixa de espoliação, e sua importancia é meramente provinciana. Nem o nome do heróe figura na menção. E a coisa, como disse, ainda é mais patente no silencio absoluto em torno da Inconfidencia. Seu espirito apaixonado do concreto e admirador dos homens atirados e realizadores, sempre teve um decidido desdem pelo nosso palavreado democratizante, pelo nosso romantismo politico. Não esconde o seu desapreço por tudo quanto aqui se tentou no sentido de uma independencia improvisada, durante o periodo colonial. Nunca encontrou senão devaneios e ideologias. E tinha horror a uns e a outras. Falando do nosso povo, já no inicio do seculo XIX, e portanto em vesperas da independencia real, não esconde o seu sarcasmo agudo.—«Vida social existia, porque não havia sociedade; questões publicas tão pouco interessavam e mesmo não se conheciam; quando muito sabem se ha paz ou guerra, assegura Lindley. E' mesmo duvidoso se sentiam, não uma consciencia nacional, mas ao menos capitanial, embora usassem tratar-se de pa-

tricio e paisano. Um ou outro leitor de livro estrangeiro podia falar na possibilidade da independencia futura, principalmente depois de fundada a Republica dos Estados Unidos da America do Norte e divulgada a fraqueza lastimavel de Portugal. Não se inquiria, porém, o meio de conseguir tal independencia vagamente conhecida, tão avessa a indole do povo a questões praticas e concretas. Preferiam divagar sobre o que se faria depois de conquistá-la por um modo qualquer, por uma série de successos imprevistos, como afinal succedeu (sic). Sempre a mesma mandrice intellectual de Bequimão e dos Mascates».

O mais realista dos nossos historiadores nunca se deixou levar por palavras ou gestos. Procurou sempre factos e actos. E dahi os dois elementos que vemos criarem o Brasil nesses tres seculos de formação inicial e a que Capistrano de Abreu, sem nomear expressamente, attribue todo o merito em nossa formação: a «Autoridade» e o «Trabalho . Todas essas 300 paginas, em que não ha uma linha inutil, que podem cansar justamente pelo excesso de materia, mas onde ha paginas inteiras de uma originalidade magistral, como quando marca a nossa «idade do couro», nos sertões do seculo XVII,—são a prova mais abundante que se possa desejar de que esses dois elementos fundamentaes é que criaram o Brasil: o «trabalho» do povo e especialmente das grandes e mescladas populações ruraes, e a «autoridade» dos governos, tantas vezes despotica ou arbitraria, mas indispensavel para impedir a tendencia natural á anarchia e graças á qual mantiveram a nossa «unidade». E não se limita a resaltar a autoridade civil, mas tambem a autoridade espiritual, cuja acção, especialmente no caso dos Jesuitas, encontrou nesse insuspeito racionalista um defensor desassombrado. Capistrano de Abreu, foi, portanto, o modelo incomparavel dos nossos historiado-

res. E esses seus «Capitulos de historia colonial», apesar da injustiça consciente contra o Tiradentes, são o documento mais precioso que possuimos de nossa formação primitiva.

Conta-se que as rainhas da França quando davam á luz eram forçadas a permittir a entrada de quem quer que fosse, no quarto, para que a legitimidade não fosse burlada em caso algum. Pois bem, quem quiser assistir ao nascimento do Brasil, leia esse livro do nosso grande e estranho historiador!

Tristão de Athayde.